

## Por uma Semiose cognitiva de infância: uma poesia contínua

### *Infantile cognitive semiosis: a continuous poetry*

Maria José Palo\*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** Este estudo propõe uma aproximação entre a Literatura, as Artes e as linguagens a serem observadas em suas matrizes cognitivas com o objetivo de redimensionar o conhecimento, a informação e a aprendizagem na literatura destinada à infância (Agamben, 2018). A conjugação dessas áreas nos sugeriu uma reflexão sobre um modo holístico metacrítico denominado Semiose (Maturana, 2001) para agenciar as matrizes de uma práxis cognitiva do fenômeno poético entendido como *medium* que ensina a criança a ver e a pensar (Deleuze; Guattari, 2012). Esta função epistemológica do fenômeno da linguagem atua sobre as coordenações de ações humanas (Maturana, 2001), em particular, os sistemas sógnicos e performáticos, a serem reconhecidos em sua diferença e qualidade poética (Valéry, 1991) no espaço da língua e sua *mimesis*. A meta é caracterizar e mostrar, nesse espaço de interações ubíquas, o lugar e o modo como as manifestações sógnicas semânticas podem atuar no contexto de uma organização autopoietica – *poesia contínua*, na aprendizagem e experiência expressiva do signo a atualizar-se em palavras pelo sujeito (Benveniste, 2006), uma poética atribuída à Voz da infância na *Semiose Cognitiva*.

**Palavras-chave:** Literatura. Artes. Poesia. Experiência de linguagem. Semiose Cognitiva de Infância.

**Abstract:** This research proposes an approximation between Literature, Art, and the languages to be observed in their cognitive matrices with the aim of redimensioning knowledge, information, and learning in literature intended for children (Agamben, 2018). Conjugation of these areas suggested reflecting on a holistic metacritical mode called Semiosis (Maturana, 2011) in order to broker the matrices of a cognitive praxis of the poetic phenomenon understood as *medium* which teaches children to see and think. This epistemological function of the language phenomenon acts on coordinating human actions (Maturana, 2001), particularly sign and performative systems, which should be recognized in their difference and poetic quality (Valéry, 1991) in the space of language and its *mimesis*. The aim is to characterize and show in this space of ubiquitous interactions the place and manner of how sign semantic manifestations can act in the context of an autopoietic organization – *continuous poetry*, in the learning and the expressive experience of the sign being brought up to date in words by the subject (Benveniste, 2006), poetry attributed to Childhood voice in *Cognitive Semiosis*.

**Keywords:** Literature. Art. Poetry. Language experience. Childhood cognitive semiosis.

Não, a realidade não existe, quer dizer, não há modo de trazê-la à mão – portanto não posso falar dela. E é por isso que fora da linguagem nada existe. Mas a linguagem não é uma fantasia discursiva: é o espaço das coordenações de ação, e o que fazemos na linguagem, na explicação, tem a ver com a experiência (Maturana, 2001, p. 101).

É porque a in-fância não é a humanidade completa e acabada, é porque a in-fância é, como diz fortemente Lyotard, in-humana, que talvez, ela nos indique o que há

---

\* Professora doutora associada do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; [mpalo@pucsp.br](mailto:mpalo@pucsp.br); [mpalo@terra.com.br](mailto:mpalo@terra.com.br)

de mais verdadeiro no pensamento humano: a saber, sua incompletude, isto é, também, a invenção do possível (Gagnebin, 1997, p. 83).

## 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento inicia pela afecção da realidade, do mundo sobre a nossa sensibilidade. Toda experiência tem a sua expressão no significado que se atribui ao ver e ao pensar o real, passando à vida a condição de ser interpretável ou de ser uma atividade mental, um *phainomenon*. Seguindo essa via, pensamos a cognição como uma reformulação da experiência, porém, organizada com base nos elementos da própria experiência vivida. Assim entendido, estabelece-se, sob esse modo consensual, a história de cada indivíduo, de sua autopoietica, operação fenomênica que faz a organização de vida ou a ontogenia. Todavia, vive-se essa organização de vida nas coordenações de ação (Maturana, 2001) em que as palavras às quais elas se ligam são como nós em redes. Nessas coordenações interativas, descreve-se o espaço da experiência e da observação, visto que nele surge a linguagem liminar como consequência de um compartilhar da criação assentada na diferença, o que significa que existe linguagem na diferença, nas coordenações das ações liminares, no discurso, na poesia, na reflexão.

No ambiente filosófico dessa diferença há, porém, uma mudança de limite dirigida para o sentido da linguagem, que usa o signo de infância como um espaço negativo potencial; espaço em que tudo é originário e faz da linguagem uma experiência de liberdade de si mesma – uma experimentação da língua. Pois bem, é nesse contexto que pensamos o conhecimento sensível e inteligível da poesia, a partir da Teoria da Infância da Experiência (Agamben, 2008, p. 67), que se afasta da língua em favor da mimética entre os dois sistemas de significação dos signos sob uma perspectiva histórica da linguagem – esta é a experiência inefável da in-fância<sup>1</sup>.

Como porta de entrada do conhecimento que é, deve-se configurar a linguagem no mundo da voz ou da fala, enquanto sujeito do discurso descontínuo em potência, para se inscrever na cognição como objeto (Maturana, 2001, p. 66): “Sem a linguagem, fenômeno das coordenações de conduta, não há diálogo, e quando ela surge, surgem os objetos” (Maturana, 2001, p. 131). Portanto, pensar, andar, falar são também fenômenos que especificam os domínios da linguagem no curso das coordenações de ações entrelaçados às mudanças corporais, afetivas e às emoções, e podem ser observados de maneira operacional como o faz a poesia no domínio cognitivo: é a ciência do fazer ciência (Maturana, 2001, p. 148).

Assim concebida, a práxis de coordenações de ação passa a caracterizar o espaço da experiência de linguagem e de ações humanas, no qual a cognição privilegia a aprendizagem na transformação de interações recorrentes. Noutra dizer, descreve-se a *Semiose cognitiva*, de significação em significação, em que se aceita a ação da percepção no fluir do emocional na linguagem da expressão. Simbolizar a linguagem em semiose é significar esse fluir das coordenações de ação, gerando afirmações cognitivas: pensamentos, paixões, operações, distinções, sentimentos, percepções, como ações. Na semiose poética, entendemos ser possível fazer a experiência da linguagem pela mediação da infância, e observar sua práxis fenomenológica no

---

<sup>1</sup> “A infância é aí pensada como uma experiência muda, o que já implica colocar a questão sobre a relação entre experiência e linguagem. O elemento que poderia fazer a conexão entre esses dois termos seria a infância.” (Oliveira, 2008, p. 107).

encontro corporal da criança na linguagem entrelaçada às coordenações de ações. Nesse abraço do aprendiz é possível alcançar respostas imprevisíveis, criativas e poéticas como observador desejado que sabe olhar. Caracterizar e mostrar o lugar e o modo como essas expressões do fenômeno de linguagem se atualizam na Semiose cognitiva poética é o objetivo deste estudo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O fenômeno das coordenações de conduta sem a linguagem não dá lugar à ação, visto que quando isto ocorre, surgem os objetos que ela submete aos hábitos, para nela a criança estar quando o *eu* mobilizar o seu fluir ou melhor, a experiência. Entretanto, ao unir ambos os domínios, o domínio cognitivo e o domínio das experiências de linguagem, implica saber o que é a experiência de linguagem ou *experimentum linguae* nas ciências da linguagem: “O *experimentum* é importante, porque nele nós fazemos a experiência de uma pura possibilidade” (Agamben, 1990 apud Oliveira, 2008, p. 8, grifo da autora). Graças à experiência, podemos dizer “eu posso”, pois só conhecemos o ato, ato que é o da poesia, modo que exprime apenas possibilidade. *Experimentum* é a experiência da potência e da impotência: “A descoberta dessa impotência ou potência de não é a grande intuição da teoria aristotélica da potência – embora se o tenha raramente observado – pois essa potência de não é o abismo em que se enraíza a liberdade humana” (Agamben, 1990 apud Oliveira, 2008, p. 9).

A experiência da potência faz-se pela poesia em liberdade, ela faz com que haja linguagem para gerar respostas cognitivas. Nesse domínio, nascem as visões de mundo, imagens associadas a um sentimento de visão poética que, em geral, faz a criança viver em estado de poder-ser, estado de potência e impotência. Estado de potencialidade em que a criança ganha a sua historicidade discursiva como *ser infantil*, e também o lugar em que o tempo se faz no sentido do passado, do presente e do futuro. O presente é o aqui-e-agora, sendo o tempo uma sucessão de *agora*, um ter-sido: “Ao *nyn* aristotélico, faz corresponder o *agora*, e assim como Aristóteles pensava o *nyn* como *stigmé*, ele pensa o agora como ponto. Este agora que não é mais do que a transição do seu ser ao nada e do nada ao seu ser” (Agamben, 2008, p. 118).

A *Semiose cognitiva* poética cuida desse tempo da linguagem à poesia como possibilidade de silêncio, sabendo que o silenciar faz parte do falar, e palavras são transformadas em objetos, ou melhor, em poesia, e buscam a compreensão segundo o que Heidegger afirma em um trabalho de 1925<sup>2</sup>: “O discurso como tal libera a possibilidade do *Dasein* e, antes de tudo, a poesia (*Dichtung*)” (Nunes, 2011, p. 75). Também Valéry (1991, p. 194) o afirma: “É a execução do poema que é o poema. Fora dela, essas sequências de palavras curiosamente reunidas são fabricações explicáveis”.

Esse modo de interpretar o poético é cognoscitivo, razão pela qual apenas na semiose ele encontra a sua compreensão, na síntese das coordenações relacionais; são elas signos em conexão com outros signos num circuito hermenêutico que expressa a nossa finitude. A cognição aí funciona como um signo-pensamento traduzido ou interpretado pela representação, que nos faz pensar de modo *estranho* na experiência de linguagem em movimento recriador (Maturana, 2001, p. 27).

<sup>2</sup> Heidegger M. Prolegomenos para una historia del concepto de tiempo. Madrid: Alianza Editorial; 2006.

Nós existimos na linguagem, na conversação, na reflexão, no discurso, na poesia. E quando ela se manifesta, faz-se recursiva, ao tornar possível o solilóquio. Estar na linguagem leva a criança a conhecer o outro, dar-lhe a forma no modo como o devir faz-se discurso. É relevante dizer que é nesse espaço que se descreve a metodologia ubíqua que permite recolher o *continuum* dos instantes negativos e inapreensíveis entre a experiência do tempo e a potência de sua cultura.

Na linguagem surge o *eu* infantil aprendiz que, ao mesmo tempo, opera e muda o seu fluir na linguagem. A poesia emerge desse ser invisível com efeitos similares no seu modo de linguajar, fala que inaugura a própria práxis analógica: o primeiro ato histórico da criança. Fora da linguagem o *eu* não existe. Apenas na experiência do tempo o *eu* ganhará uma lógica poética que está em toda parte, como um raciocínio de recorrência, que pode transformar-se em um novo ato pela imaginação.

Descreve-se, desse modo lógico, a poesia do fazer ciência no espaço das coordenações de ação que tem o seu fazer na inscrição da natureza enquanto aprendizagem e método: “A consciência dos pensamentos que temos enquanto pensamentos, é reconhecer essa espécie de igualdade ou de homogeneidade; sentir que todas as combinações desse tipo são legítimas, naturais, e que o método consiste em excitá-las, em vê-las com precisão, em procurar o que elas implicam” (Valéry, 1991, p. 142).

Todavia, nesse trabalho explicativo do aprender (*apreender, captar algo*), ocorre que o diálogo com a poesia amplia a circularidade hermenêutica entre a parte e o todo, e nela guarda a possibilidade do conhecimento que passa a não mais depender do sujeito, mas do objeto e sua verdade (*Dasein - poder ser*) e de uma articulação<sup>3</sup>. Define-se aí a presença da fala lírica em conexão com o ser no mundo (*Mitsein*), que as ciências da linguagem abstraem na passagem do símbolo aos índices. Os signos então entram nesse contexto, que é a própria organização da linguagem a ser definida como *medium (organon)*, meio sem fim, pelo qual a criança comunica-se com a realidade. Nesse ato de afastar-se da língua, em favor da fala do silêncio da criança, é que se reconstitui a relação mimética da língua entre dois sistemas de significação dos signos e a significação da enunciação (Benveniste, 2006, p. 82): “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.

O que é aprender a linguagem poética? Como se processa o aprender?

Aprender a interpretar a linguagem poética significa trazer esses antecedentes da fala como um *medium* da ambiguidade da palavra presentificada, semanticamente, dos sistemas sógnicos e quase-signos perceptivos, a oferecer à infância, no reino da potencialidade, os limiares conceituais de como ser-no-mundo. Ao mesmo tempo, apreende o que está circunscrito nos objetos em estado de conexões: é uma arborificação das multiplicidades do devir. Concretiza-se nesse processo conceitual o estado de poesia da infância, em atos de linguagem, como enunciações performativas, as quais ficam à espera do tempo da *Semiose cognitiva* tirado dos meios, porém, com novos sentidos. A cognição passa então a ganhar a função de ser um agente descobridor de sentidos no círculo temporal do passado que permanece no presente, e do futuro, que naquele se projeta a construir redes de linguagem.

<sup>3</sup> “A palavra aprendizagem vem de *apreender*, quer dizer *pegar, ou captar algo*. No entanto, de acordo com o que lhes disse, a aprendizagem não é a captação de nada: é o transformar-se em um meio particular de interações recorrentes.” (Maturana, 2001, p. 103).

Eis descrito o agenciamento da aprendizagem do ser-no-mundo – a *Semiose cognitiva de infância* –, que passa a se destacar no círculo histórico hermenêutico. A semiose cognitiva, em sua vez, é que faz a troca da experiência de potências e impotências do ser. Nessa passagem, ela muda a chave do conhecimento do signo para signo-pensamento, com sentido verdadeiro e lugar de manifestação da liberdade histórica da infância além da intuição, que não é mais representação; agora ela é a duração, a experiência do ser, assim definida: “a duração não delinea uma dimensão formal em que se escoa o ser, mas é, ao mesmo tempo, ser e experiência do ser” (Lévinas, 2010, p. 65).

No mundo, não encontramos o homem separado da linguagem. Mas, ao operar na linguagem, surge o fazer ciência e as fisiologias mudam o seu fluir. É este o homem falante que encontramos no mundo, um homem falando ao outro, um homem amando o outro, afirma Maturana (2001). A linguagem é o lugar em que essa experiência transforma-se e instala-se. Se existe a experiência muda, existe uma In-fância (Agamben, 2008, p. 48), lugar vazio em que a experiência torna-se verdade. Porém, essa instância da infância manifesta não mais uma verdade psíquica tão enfatizada pela cultura, aquém ou além da linguagem, mas a própria origem transcendental da linguagem. A linguagem passa a ser uma relação original e histórica em que o ser seja o ter-lugar da linguagem, assim enunciado: “Mas uma outra e mais decisiva consequência a infância exerce sobre a linguagem. Ela realmente instaura na linguagem aquela cisão entre língua e discurso que caracteriza de modo exclusivo e fundamental a linguagem do homem” (Agamben, 2008, p. 63). São essas as raízes matriciais do ser que podem oferecer à criança as chaves do pensamento e a ação coordenada para preparar experiências de formação de hábitos novos de aprendizagem do mundo sensível no seu ter-lugar, unindo-se ao inteligível, origem da poesia<sup>4</sup>.

Agamben (2008), na sua Teoria da Infância baseada na diferença<sup>5</sup>, não aponta mais a metafísica ocidental para caracterizar o homem/criança entre os outros seres, pois reforça, sobretudo, a presença de uma cisão entre língua e fala, entre sistemas de signos e discurso. O mais significativo na infância agora é o falante, e sua fala passa a ser o lugar dessa diferença, ao abrir a correlação infância, verdade e linguagem. Tal sintaxe faz da infância esse lugar da diferença entre língua e discurso. Isso acontece porque sua historicidade realiza-se na semiose em que ocorre a descontinuidade de uma possível origem, vindo a transformar a língua em discurso humano à distância do social.

Uma vez construída a semiose, esse limiar efetiva-se na passagem dos signos e se define em conexões entre o plano do signo e o plano do semântico: “A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (Benveniste, 2006, p. 83). Modo de pensar que sobretudo resulta em questionar a lógica e a metafísica, que Agamben assim significa: “Na perspectiva que nos interessa, porém, devemos ao menos mencionar que ele (Heidegger) permite pensar o evento não mais como uma

---

<sup>4</sup> “Trata-se de propor que o problema do ser, que por mais de dois mil anos importuna o pensamento filosófico ocidental, seja tratado como o problema do ter-lugar da linguagem, que o ser seja o ter-lugar da linguagem.” (Oliveira, 2008, p. 123).

<sup>5</sup> “Este oblívio da diferença entre língua e fala é o evento fundador da metafísica. É por intermédio deste oblívio que o lógos pode afirmar o seu domínio incontestável. [...] Na formulação desta diferença, a ciência da linguagem chega ao seu limite incontornável, além do qual não pode prosseguir sem transformar-se em filosofia.” (Agamben, 2008, p. 71).

determinação espaciotemporal, mas como a abertura da dimensão originária sobre a qual se funda toda dimensão espaciotemporal” (Agamben, 2008, p. 126-127). Portanto, não mais se separa a experiência poética da experiência filosófica da linguagem. Essa é a chave da transição da significação.

Na experiência de linguagem, é fundamental compreender a representação como um signo diagramático e não logocêntrico, desde que, na experiência de linguagem, ela se apresente em cadeias sógnicas que convertam o intérprete em sujeito sob a perspectiva dos fenômenos da consciência. Por consequência, essa visada fenomenológica vai situar o aprendiz fora do mito transcendental, levando-o à aprendizagem pela ação da semiose cognitiva poética. Nessa ação, delineiam-se, para nós, o objeto e o método da semiose, em que o *eu* troca seus papéis ante a realidade, ao fazer a cisão entre as correlações cognitivas coordenadas. O *eu* experimenta e aprende entre semioses poéticas e suas linguagens manifestas. Ao sair da língua para a enunciação própria, faz da língua uma possibilidade, uma instância do discurso que exige um falante e um ouvinte na experiência humana da linguagem (Benveniste, 2006, p. 68-69).

Uma vez estruturada sobre a diferença histórica da negatividade, a infância não mais pode ser vista e pensada como uma experiência mística. Lembrando que esse mesmo fato tem levado estudiosos a distorcer toda investigação da linguagem como um silêncio resguardado e misterioso, submetendo a criança ao não-poder-dizer esotérico. Essa mística tem resultado do ignorar do contar da fábula, lugar em que deveria ocorrer a inversão boca fechada x boca aberta, sabendo que, apenas desse modo, pode ganhar a infância em que homem e natureza trocam o tempo e seus verdadeiros papéis. Em resposta à mística, um novo olhar decorre sobre a inversão da relação entre o mito e a palavra, toda vez em que o homem entra na fala<sup>6</sup>. Por conseguinte, mito e palavra passam a fazer a inversão entre o jogo e o sagrado, no exercício da ação da semiose poética dos signos “em que as horas correm num lampejo, e os dias não se alternam” (Agamben, 2008, p. 85). Mais claramente, a semiose faz a inversão da catáfora tópica do *Era uma vez* para o *Agora não mais* da temporalidade, porém, contra o tempo cronológico, linear, homogêneo e vazio do mito.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva que estamos trilhando para construir a justificativa de uma *Semiose cognitiva poética*, a infância passa a ser entendida como o instante de um vazio ou o limiar do infantil. Uma vez concebida como um movimento dialético, a infância deixa o passado e passa a vigir no presente da experiência cognitiva, na percepção – porta de entrada do discurso. Ao ressignificar a *mimesis*, que se oculta com novos significantes diferenciais semiológicos, a infância situa-se como um evento entre língua e linguagem. Falamos da cisão na qual esse evento busca transformar significantes instáveis em significantes estáveis – *os significantes da infância*, que “são as larvas que as culturas mantêm vivas na mesma medida em que, ao invés de jogar com elas, exorcizam-nas como fantasmas ameaçadores” (Agamben, 2008, p. 106).

---

<sup>6</sup> “O fato de que haja essa entrada implica uma disjunção que não ocorre apenas uma vez (o momento mítico da ‘primeira entrada’), mas que se mantém em cada ato de fala, a cada entrada na linguagem. O homem entra a cada vez na linguagem no momento em que fala [...]. A infância é o que resta dessa entrada e é exatamente esse resto que introduz, na linguagem, a diferença entre língua e discurso.” (Oliveira, 2008, p. 110).

Cognição e infância devem exercitar unidas a função libertadora dos significantes no discurso de infância não mais canônicos, mas, na ruptura língua e fala, ao restituírem os signos do passado e os transmitirem ao futuro. Por conseguinte, o mundo passa a ser substituído pela voz na *língua de criança*, assim denominamos, sob a ética do próprio modo de falar como sujeito (*eu*). Assim deve a ética fazer do instante a condição lógica de uma nova experiência de linguagem no tempo presentificado do *cairós* – instante, fim e início do tempo, que libera o homem do tempo quantificado do mito. À semelhança, faz-se o tempo das artes e da literatura, um fazer ubíquo que nega esse tempo quantificado para ganhar o tempo do átimo do instante: o *tempo da poesia*. O presente se mantém e se realiza nesse limiar da *Semiose cognitiva poética*, e deve materializar-se num *medium* entre o objeto e o efeito.

Infância e linguagem, pois, se conectam na experimentação da linguagem poética e valorizam-se, sobretudo, ao abrirem o espaço para indagar sobre o lugar de origem do discurso da infância a partir da potência de falar. Ratificamos, é na fala que se prioriza a palavra vivida, não mais a experiência vivida, ao trilhar o caminho para a ciência (*ex-per-ientia*). Isso porque, como sujeito (*infans*) de linguagem que fala, é então expropriado da experiência vivida – trata-se, em essência, de uma experiência sem sujeito nem objeto e da linguagem como Voz: “Na voz a palavra se enuncia como lembrança, memória-em-ato” (Zumthor, 2007, p. 12). Na palavra vivida, a fábula de infância fica à margem da *mimesis* e à distância dos demais agenciamentos tradicionais aos quais sempre tem aparecido ignorada, sobretudo submissa ao desejo do adulto e aos estratos sociais: “Mesmo territoriais, os agenciamentos continuam pertencendo aos estratos, pelo menos por um aspecto. Graças a ele, em qualquer agenciamento, pode-se distinguir o conteúdo e a expressão” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 232).

É importante enfatizar que a cognição equacionada ao ato verbal resulta no identificar do conhecimento com a essência da experiência muda (Voz) como lugar que se articula com a linguagem e o tempo com o querer dizer, não mais interpretado como estado psicossomático ou ideológico. Passa a ser um espaço lógico que substitui a coordenação de ações antes de receber a comum expressão qualificativa *infantil* nos limites da linguagem primeira da infância concebida como *experimentum*<sup>7</sup>. Nesse vazio da fala, por correlação, a criança entra no espaço do querer dizer, mas como signo Voz, “querer dizer” que é experiência ou espaço da negatividade do pensamento da infância e do infantil: “O Eu ou o Mim (*Le Je ou Moi*) é a palavra associada à voz. É como o sentido da própria voz – esta voz é considerada como signo” (Agamben, 2008, p. 91).

No panorama da experiência da linguagem, cabe à *Semiose cognitiva poética* a desencarnação da língua a partir da voz do falante, um movimento de busca de um saber do objeto por um sujeito, o *eu*. Este sujeito se define como voz muda, vindo a ganhar a consciência e a se identificar com esse ser do movimento das semelhanças nos dois sentidos da fala: fala com conexão e como metalinguagem sem conexão. A partir desse movimento, a linguagem deve ser a sua voz e o pensamento nada mais tem a pensar da voz. Importa destacar, aqui, que é entre a natureza e a cultura que se situa o sentido da In-fância da linguagem na diferença, na troca do mundo fechado do

<sup>7</sup> “A aposta da infância é que, ao contrário, seja possível uma experiência da linguagem, que não seja simplesmente uma *sigética* (*sigan – gr*, permanecer em silêncio, calar) ou uma insuficiência dos nomes, mas da qual se possa, ao menos até certo ponto, indicar a lógica e exibir o lugar e a fórmula.” (Agamben, 2008, p. 13).

signo para o mundo aberto da significação e interpretação: o mais importante evento da linguagem como fenômeno.

Indo mais além, deve-se considerar que a intersubjetividade dessa troca *sígnica* (eu e outro) encontra-se na alteridade, no signo, no qual pode substituir a capacidade transcendental em nova ética. Tal fato resulta na troca da capacidade do sujeito a ser considerado como um signo, pois aquele que enuncia agora é uma voz em relação com a linguagem. Efetiva-se, portanto, a *Semieose cognitiva poética* na linguagem em seu próprio fundamento – a *criança afetiva*, aquele ser que se origina na percepção do sentir, viver, amar, pensar, designada, universalmente, por *infantil*; destacam-se, nesse espaço, os limiares sensíveis poéticos da infantilidade, que caracterizam certo grau de metacognição. O resultado dessa conversão semiológica é a fala da infância reconhecida por qualidades biológicas, sociais, culturais e afetivas, as quais passam a pertencer ao parecer e ao real; afinal, registra-se a infância dentro da filosofia e da poesia, suas novas fundações interpretativas<sup>8</sup>.

Como evento, o pensamento da voz só, sem significado algum, torna-se pensamento do Ser na experiência do conhecimento sensível da linguagem. Essa experiência poética acompanha a criança como um lugar e um método, pois está suspensa na linguagem, esperando reencontrar essa Voz na passagem da voz muda para o discurso numa relação de engendramento, entre dois sistemas distintos e contemporâneos, mas da mesma natureza, que supõe evolução e transição histórica (Benveniste, 2006, p. 61). Lembra-nos, também, Agamben (2006, p. 146): “Outrora, disseram-nos – a voz se inscreveu na linguagem. A busca da voz na linguagem é o pensamento”.

Entendemos, em síntese, que a realidade cognitiva designa a resultante da lógica do discurso. No discurso, o *eu* constitui a sua subjetividade a partir do outro (*tu*), pois ele é a subjetividade formada na relação eu-outro, sem mais vir a tornar-se uma categoria transcendental. Todavia, essa versão sempre gerou confusões aos estudiosos no tratamento da literatura destinada à criança, ao insistirem em retorná-la à representação mimética conceitual de origem ao mito, esquecendo, sobretudo, a experiência estética: “Experiência erótica e estética que também define, segundo o velho ensinamento platônico, a experiência do conhecer verdadeiro” (Gagnebin, 1997, p. 104). Nas práticas do ver e dizer, falar e pensar na diferença, o sujeito atravessa o tempo e a cisão língua e fala, separando o semântico do semiótico (Benveniste, 2006, p. 67), os quais se mostram diferentes na linguagem e no discurso, na metasemântica, considerando o lugar no modo como Aristóteles (1995) o formula no livro IV da Física: *algo mais originário que o espaço*.

Nesse espaço de origem, então liberto dos semas diferenciados, nasce o sentido poético, o *experimentum linguae*, entre a escrita e a ação de indicar e mostrar-se, e redefinir-se como uma estrutura literária, sem se privar de afetos ou empatias da linguagem do coração, sabendo que o discurso racional que não seduz emocionalmente não muda o outro, segundo Maturana (2001, p. 124). Está no *experimentum linguae*, o agenciamento da *poesia contínua de signos*, “lá onde as palavras nos faltam em direção ao pensamento” (Agamben, 2018, p. 9). Além disso, numa língua capaz de dar nomes às

<sup>8</sup> “Uma coisa ao menos é certa: nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem será formulada em sons, em cores em imagens. Toda semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua.” (Benveniste, 2006, p. 61).



coisas da realidade num domínio multifuncional da ciência, fazer ciência da realidade é guiar-se por emoções, não mais por nossa razão, na medida em que desejos e emoções constituem as perguntas que fazemos ao fazermos ciência, como se refere Maturana (2001, p. 147).

Procuramos concretizar, com mais clareza, essa conversão científica da poética no haikai oriental (Palo; Palo, 2021) oferecido ao infante como um possível convite para aceder à poesia na correlação subjetiva de um relato [*Eu-Tu*], na dupla presença simultânea de um emissor e um receptor. Veremos que no fazer paralelo da duração dada à vida da palavra poética, na grafia, na mancha cor e na musicalidade, o *Eu* indaga a Natureza de modo a alcançar a leitura semiológica da dissimetria espacial na mesma semântica dos signos artísticos. Vejamos o ilustrado na Figura 1:



Fonte: Palo e Palo (2021).

Figura 1 – Haikai *eu te ofereço...*

Em breve análise descritiva, o *Eu* (sujeito) já está no descrever do haikai em irreversibilidade, em que desnata a realidade de sua vibração ideológica, do comentário, da informação, mesmo sendo virtual. *Eu* que deve deixar entrever um rastro para o leitor *Tu* contra o sentido semântico dado ao haikai: “hai-kai é uma espécie de incidente, de pequena prega, uma fenda insignificante numa grande superfície vazia” (Barthes, 2005, p. 212). As metáforas nele funcionam apenas para se livrar da argamassa branca da cópula, como o descreve o semiólogo, pois dissolvem as coisas por imagens enquanto novas fontes. A poesia diferencia-se da prosa porque o poeta escolhe imagens para justapor palavras, cujos matizes se misturam em harmonia delicada. Ao fazer a correspondência das operações de seleção e combinação, dois modos do arranjo são utilizados no comportamento verbal: nesse espaço se exercita, sobretudo, a função poética e não mais a sua unidade no conjunto de signos, o semiótico, próprio do signo linguístico.

O haikai trabalha com a *différance* na simultaneidade tempo e espaço (Nascimento, 2004) como formação da forma, que descrevemos brevemente a seguir.

O espaço deixado no papel branco é um grafo, um sistema de grafos existenciais com sintaxe paratática, correlacional, justaposta. Seus caracteres escritos são apenas signos e não substâncias, e sua lógica correlacional se define por analogias ou semelhanças ultrasensíveis. Há um tempo presente único ou tempo experimentado do verso do haikai num corpo estranho que sustenta a plausibilidade semântica da

enunciação cruzada e inscrita na leveza e na brevidade. É essa a descrição de uma segunda maneira de ser factícia como uma linguagem de harmônicos vibrantes e rítmicos, perpassando ao longo da língua e saturando de modo distinto a sua significância.

Como fábulas de infância, os haikai mostram miniaturas que empurram o seu produto para os ideogramas associativos ou sugestivos, entre a poesia e a natureza. São elas linhas de força que esperam ser captadas pelo *eu* infantil em nova síntese harmoniosa sem a necessidade de postular um agente externo para controlar o processo, conceito-chave da cosmologia chinesa. Suas relações são mais importantes e mais reais do que as coisas por elas relacionadas, visto que homologias, simpatias, identidades perceptivas fecundas são fornecidas pela natureza e oferecidas pelo poeta ao usuário infantil, aprendiz cujo corpo o lê/vê/ouve/sente/responde através da cor/som/luz: “*Eu te ofereço sementes de luz e cor no fundo do mar*”. Descreve-se, no haikai, a experiência estética cognitiva do *eu*, da voz muda, entrevedo, no modo de narrar, palavra, linha, luz, ritmo, som e cor homólogos à natureza do mar, discurso de sua poesia no tempo de infância, limiar da existência e da fala<sup>9</sup>.

Na leitura da experiência negativa cognitiva exemplificada pelo haikai, concebe-se que a Voz infantil é puro significado sem significar, é silêncio. E mesmo sem o exercício referencial da língua ela pode extrapolar sua figuração simbólica e viver, no instante, o movimento da linguagem e do corpo em gestos poéticos. A criança vive na poesia cada coisa e cada ser, a ganhar a felicidade atribuída ao inefável e aos seus coadjuvantes do mundo maravilhoso. Ao inscrever-se nesse universo da negatividade, recebe a língua na experiência de linguagem como sendo a própria literatura. Tudo isso faz dela pensamentos da Voz – seu *Eu*, ato do discurso –, em que recebe a linguagem poética nas situações verbais e fictícias do mundo-teatro, a fazer-se nela numa língua estranha. Quem é esse *Eu*? *Eu* é a instância do discurso. A infância faz-se limite transcendental à linguagem nessa instância, e não será mais uma substância psíquica que precede a linguagem, cronologicamente, o que lhe é negado no espaço do narrar analógico arquetizado do haikai.

#### 4 SEMIOSE COGNITIVA POÉTICA

No ato cognitivo da semiose de nomeação do haikai, o usuário (o poeta e a criança) ganha a poeticidade modulada na experiência do ser infantil. Este ser que deseja aquela poesia que habita a palavra tatuada desenhada na pele tátil da *poesia contínua* feita de signos plásticos, gestuais. Nela o ser infantil se inscreve na instância da maravilha criativa. São seus gestos que transformam a verossimilhança em pensamento de outra forma, na ética da escrita. Acrescenta-nos o filósofo Agamben (2006, p. 128): “deve então voltar para onde a linguagem adveio a ele, deve, portanto, ‘surpreender a surpresa’, estar em casa, na maravilha e na cisão”. Entende-se, na leitura do haikai, que a lógica que rege esses *arremedos literários* é correlacional, ela é um pensamento analógico e um raciocínio relacional – é filosofia da vida em homologia à natureza. O poeta, por sua vez, trabalha o intracódigo poético saturando a própria lógica – mostra a língua do

<sup>9</sup> “Se não houvesse a experiência, se não houvesse uma experiência do homem, certamente a língua seria um jogo, cuja verdade coincidiria com o seu uso correto segundo regras lógico-gramaticais. Mas, a partir do momento em que existe uma experiência, que existe uma infância do homem, cuja expropriação é o sujeito da linguagem, a linguagem coloca-se então como o lugar em que a experiência deve tornar-se verdade.” (Oliveira, 2008 p. 108).

óbvio como extensões do homem ao fazer a dialética do evento da poesia contínua na *Semiose da cognição*. Assim como o poeta, o infante mostra e narra o que canta e narra no haikai em correlações cognitivas e sensuais.

A natureza na poesia substitui uma descrição progressivo-evolucionista pela dialética dos eventos, conflito este que caracteriza a Semiose cognitiva. Por consequência, a dialética faz do processo simbólico um processo semiótico a serviço da cultura de modo mais controlado. A poesia sensível em si coparticipa desse processo translinguístico, harmoniosamente, no qual a interpretação é delimitada, pois sugere sempre uma possibilidade inerente à poética em cognição – *uma poesia contínua*. Todavia, esta se faz no engendrar de um movimento contrário ao sentido, da palavra comum para um raciocínio concreto da palavra vivida (Maturana, 2001). Trata-se de um signo que traduz um outro signo de um mesmo objeto, seguindo a lei da mente ou a lei da associação, em que as ideias passam a fluir em liberdade – eis a descrição do processo poético na Semiose cognitiva.

Em suma, a semiose envolve uma relação indissolúvel que não se reduz – agora não mais – a uma relação diádica, sabendo que, apenas sob uma lógica aberta pode introduzir a lei da semelhança de termos equivalentes (*equi-valent*), presentes no desenho do haikai, necessários à criação poética de infância. Vemos que no processo lógico do signo, o sentido da ilação compartilha as premissas e os predicados dessa poética, e efetiva a passagem do símbolo para novas inferências na combinação criativa de seus caracteres. Ao abrirem-se para a interpretação da poesia contínua em informações similares, símiles sensíveis, recorrentes no haikai, essas inferências anulam sua sujeição à lógica linear e à continuidade histórica da língua, e passam a pertencer à sua unidade mínima, ao signo e ao discurso: “O discurso pertence às coordenações de ação, é claro, porque é linguagem, mas o domínio de coordenação de ação não é o mesmo que, por exemplo, o relacionado ao funcionamento particular em um laboratório” (Maturana, 2001, p. 103)<sup>10</sup>.

A *Semiose cognitiva*, no domínio da ciência, deixa suas marcas no discurso poético pelas necessidades do tempo presente. Este instante efetiva-se numa zona de indiferença entre o homem, a natureza e a cultura, e o tempo se presentifica pela negação, ao mesmo tempo real e irreal. Desse modo ubíquo, ele contribui para uma espécie de inventário da cultura (Benveniste, 2006, p. 278). Na cisão da *Poética de Infância*, entre voz e discurso, inaugura-se, no tempo presente, uma outra organização de linguagem da cognição, como afirma Maturana (2001), gerando fluxos e transposições entre códigos e abrindo enunciados semânticos no discurso do sujeito.

No agora da leitura afirma-se a fusão de dois sistemas num só, que definem um lugar novo à infância, criam sua linguagem, sobretudo, passando apenas a viver, poeticamente, a metodologia da liberdade na pedagogia de não-ser, não mais na pedagogia da palavra. Com efeito, a relação entre tempo e linguagem não é, como parecia, à primeira vista, uma mera relação de continente e de conteúdo, em vez disso, são como categorias espaciais que nos confundem em vez de nos esclarecer; isso porque elas se identificam como uma relação transcendental mútua. O tempo nessa identificação se dá de maneira privilegiada à experiência em atividades de linguagem

<sup>10</sup> “A semiologia da língua foi bloqueada, paradoxalmente, pelo instrumento que a criou: o signo. Não se poderia descartar a ideia do signo linguístico sem suprimir o caráter mais importante da língua; não se poderia estendê-lo ao discurso inteiro sem contradizer sua definição como unidade mínima.” (Benveniste, 2006, p. 67).

assim como à criança atenta – no canto, na recitação, na escrita e na música da fala atenta: “e só consigo falar, escrever, cantar e contar porque posso lembrar, exercer minha atenção e prever” (Gagnebin, 1997, p. 76).

Somente na experiência do contínuo, que caracteriza a ciência da linguagem como um evento originário nas coordenações de ações humanas, na semiose poética, podemos inferir que a Voz da criança tem a ganhar a imagem de uma época, como eco de uma geração que vem e promete. Por consequência, a experiência ganha uma *mimesis* própria, ou melhor, uma dimensão mimética da linguagem, sem ofuscar a tão desejada magia e o mistério poético.

A partir dessa *mimesis*, a *Literatura de Infância* recebe a autorreferência na descontinuidade da fala visível, não mais calada, passa a sediar o intervalo e a diferença da própria linguagem. Sua verdade está na experiência entre sistemas de signos e discurso na linguagem: o seu *ter-lugar*, a própria instância da linguagem, que Agamben chamou de *Infância*. Ao passar de muda à falante, sua Voz traduz o querer-dizer da própria expressão pura nas Artes, na Poesia e na Literatura sob uma estrutura originária: “sua origem coincide com aquilo que ela origina” (Oliveira, 2008, p. 108). Agora, no tempo da *poesia contínua*, a fala vive a paixão do explicar, na cisão língua e fala, a *Semiose da Cognição de Infância*.

## REFERÊNCIAS

- Agamben G. Infância e história. Destruição da experiência e origem da história. Burigo H, tradutor. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2008.
- Agamben G. A linguagem e a morte. Um seminário sobre o lugar da negatividade. Burigo H, tradutor. Belo Horizonte: UFMG; 2006.
- Agamben G. A experiência da língua. Oliveira C, tradutor. Rio de Janeiro: Circuito; 2018.
- Aristóteles. Física. Livro IV. Echandía GR, tradutor. Madrid: Editorial Gredos; 1995.
- Barthes R. A preparação do romance I: da vida à obra. São Paulo: Martins Fontes; 2005.
- Benveniste É. Problemas de linguística geral. Guimarães E, et al., tradutores. 2.ª ed. Campinas: Pontes Editores; 2006. v. 1.
- Deleuze G, Guattari F. Mil platôs. Pelbart PP, Caiafa J., tradutores. São Paulo: Editora 34; 2012. v. 5.
- Gagnebin JM. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago Ed.; 1997.
- Lévinas E. Entre nós. Ensaios sobre a alteridade. Pivatto PS, tradutor. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; 2010.
- Maturana H. Cognição, ciência e vida cotidiana. Magro C, Paredes V, organizadores e tradutores. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2001.
- Nascimento E. Derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2004.
- Nunes B. Hermenêutica e poesia. O pensamento poético. Campos MJ, organizadora. 2.ª reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2011.
- Oliveira C. A linguagem e a morte. In: Pucheu A, organizador. Nove abraços no inapreensível: filosofia e arte em Giorgio Agamben. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, FAPERJ; 2008.
- Palo MJ, Palo C. Histórias em Hai-Kai. 2.ª ed. São Paulo: ÔZÉ; 2021.
- Valéry P. Variedades. Siqueira MM, tradutor. São Paulo: Iluminuras; 1991.
- Zumthor P. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac & Naify; 2007.